

# GETÚLIO VARGAS E PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: A ALIANÇA NACIONAL-REGIONAL ATRAVÉS DA RETÓRICA DA MODERNIDADE ENTRE 1930-1944

SILVA, Janaina Ferreira dos Santos da<sup>1</sup>

## Resumo:

Com o Golpe de 1930 e a entrada de Getúlio Vargas na política do país, a retórica da modernização nacional tornou-se a base ideológica do governo federal. Já numa escala regional, desde o início do século XX, uma parte da elite política e intelectual de Goiás também arguia sobre a demanda de um processo de modernização estadual que ressignificasse a imagem de “sertão atrasado” construída pela literatura dos viajantes estrangeiros pelo interior do Brasil durante o século XIX. Nesse contexto, surgiu a figura de Pedro Ludovico Teixeira como uma novidade política e que tinha como pauta fundamental a modernização de Goiás. Assim, a movimentação política de 1930 despontou como um momento decisivo para a renovação nacional e regional. A revista *Oeste* (1942-1944) foi criada como fruto dessas movimentações políticas nacional-regional, tornando-se um meio de divulgação dos feitos de Teixeira, do governo de Vargas e das ideologias do progresso e da modernidade que eram dispostas para o futuro de Goiás e do Brasil. A partir disso, essa pesquisa objetiva investigar a retórica da modernidade no contexto brasileiro e goiano entre os anos de 1930 e 1944, de modo a analisar a aliança construída entre Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira, retratada nas páginas da revista *Oeste*.

**Palavras-chave:** Modernidade; Política; Goiás; Brasil; Oeste.

## 1. O nacional: o golpe de 1930, Getúlio Vargas e saídas para as problemáticas da nação

Para iniciarmos as discussões propostas nesse artigo, é necessário que revisitemos o contexto brasileiro e goiano entre as décadas de 1930 e 1940, visto as grandes transformações político-culturais que aconteceram nesses recortes espaço-temporais. Nesse sentido, será possível observar como a aliança nacional-regional foi presente nas referidas datas e como a argumentação da modernidade esteve ancora nas agendas político-ideológica nas duas esferas mencionadas a partir das figuras de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), especialista em História e Cultura e Mestra pela mesma universidade (UFG). Atualmente é doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pesquisadora do Anômalo (Pesquisas e Estudos em Gênero, Sexualidades, Classe e Etnicidades/Raça – UFCat/CNPq). E-mail para contato: janaina\_silva@id.uff.br.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Desde o final do século XIX, a produção intelectual brasileira denunciava uma das questões mais latentes daquele contexto: a construção das bases da nação. O rompimento político com Portugal reorganizou os modos de se identificar a cultura e história brasileira, de forma que a fragilidade do território brasileiro enquanto uma pátria foi posta em debate na esfera de discussão das ideias. Salvaguardando as devidas proporções, o enfoque sobre as questões de cunho nacionais não foram exclusividades do Brasil. O fim da Primeira Guerra Mundial e as consequências oriundas dos conflitos provocaram uma onda de discussões intelectuais nos países europeus sobre nacionalismo e identidade nacional, promovendo uma ressignificação sobre as histórias dos territórios.

No contexto global, de acordo com Gabriel Araújo e Agnaldo Souza (2016, p. 73):

(...) desde os anos 20, a o problema nacional ocupa o centro da reflexão intelectual. Em um contexto de crises, ligadas sobretudo aos efeitos e reflexos deixados pela Primeira Guerra, “salvar a nação” torna-se uma das principais tarefas de que os intelectuais se incumbem. As tentativas de definir a nação ocuparam um espaço não menos privilegiado no debate intelectual do século anterior, como busca de uma entidade fictícia, uma construção discursiva capaz de sustentar e legitimar os Estados Nacionais.

Para além da conjuntura internacional que explorava os elementos constituintes das nações e suas características identitárias próprias, no caso brasileiro também foram analisadas como o sistema político liberal adotado desde 1889 poderia ser um problema na mobilização da unidade nacional. Nesse sentido, Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) surgiu no cenário nacional em meio as discussões que repensavam o Brasil em diversos âmbitos, o que o auxiliou a estruturar a construção de um recomeço para a história da nação e seu desenvolvimento (SCHWAB, 2010).

Vargas já havia sido deputado estadual pelo Rio Grande do Sul três vezes em 1908, 1913 e 1917; deputado federal em 1922 e presidente do estado (o que hoje corresponde a governador) em 1928. Também havia sido indicado como Ministro da Fazenda pelo então presidente Washington Luís entre 1926-1927, mas sua maior visibilidade no âmbito nacional veio anos depois. A eleição presidencial de 1930 trouxe dois principais nomes para duelarem na arena política: Júlio Prestes e Getúlio Vargas; e

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

apesar da derrota do segundo, o apoio militar possibilitou com que o mesmo assumisse a Presidência do Brasil com um Golpe de Estado no mesmo ano.

Já entre os primeiros anos do seu governo, Vargas tentou construir uma ideia de oposição político-ideológica com o que o Brasil já havia vivenciado com outros governantes. Defendendo ideais nacionalistas e valorizando a história da nação, a retórica de um período que inaugurava um “novo tempo” foi a base de sua agenda adotada. A tentativa de rompimento com o passado esteve presente nas argumentações expostas nos discursos que Vargas proferiu, especialmente após a instauração do Estado Novo. A própria nomenclatura “novo” nos remonta a essa construção ideológica de ruptura com o passado político, nomeado pelo mesmo governo como “República Velha”, e a inauguração de uma pauta político-ideológica para o país que abarcava desde a economia até a cultura nacional.

O então Estado Novo começou em 1937 após um Golpe de Estado derivado do fechamento do Congresso Nacional e que como produto teve a escrita de uma nova Carta Magna, terminado apenas em 1945. Podemos definir como suas bases: a defesa pelo desenvolvimento na industrialização, a exaltação da nação e a elaboração de que o governo representava a modernidade para o país. O Estado Novo transformou as problemáticas em torno do atraso da nação e de sua unificação enquanto pátria em desafios a serem superados.

A respeito dessas discussões sobre o Estado Novo, temos que

O Estado Novo procurou produzir, ou até mesmo se apropriar, de um conjunto de idéias e princípios pelos quais poderia se auto interpretar e justificar seu papel na sociedade e na história brasileira. Estas ideias não surgem em 1937, mas são produto de do pensamento brasileiro desde o começo do século e de influências externas, que foram adaptadas ao projeto oficial do Estado Novo. Nota-se nessa nova literatura um abandono das características do romantismo, como o ufanismo, em troca uma visão mais científica da realidade brasileira, como a busca de diagnósticos dos problemas nacionais, o que se justifica também pela ascensão das ciências sociais no Brasil. Desta maneira, é possível interpretar a ideologia estadonovista como um processo de produção de significados, signos e valores na vida social, com a intenção de legitimar uma forma de poder político dominante. (SWCHAB, 2010, p. 28).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A tentativa de repensar a história da nação e enaltecer a brasilidade acolheu uma parte significativa dos intelectuais brasileiros do contexto de Getúlio Vargas, especialmente o Estado Novo. Não obstante, também devemos pontuar que uma das frentes mais poderosas do próprio governo foi a mobilização de redes intelectuais em defesa do presidente em espaços organizados pelo próprio órgão público, desde folhetins até departamentos fundados. Nesse sentido, de acordo com Mariana Schwab (2010, p. 13), “O Estado Novo, que teve seu processo iniciado com a Revolução de 1930, resolveria todos esses problemas na visão dos intelectuais e traria o progresso ao país.”.

Assim, após a entrada de Getúlio Vargas na presidência do Brasil, especialmente no período compreendido como Estado Novo, houve uma mobilização política e intelectual em torno das questões relacionadas a nação, englobando as possíveis saídas para promover a modernização do país. O apoio do governo de Vargas em prol do enaltecimento do Estado Novo como o melhor para o Brasil construiu uma rede de intelectuais a serviço da agenda política-ideológica em vigor (SCHWAB, 2010; VELLOSO, 1982).

Sobre essa relação entre Vargas e intelectuais do contexto, observa-se que:

Isto significa que a doutrina oficial estadonovista pode ser caracterizada como heterogênea, mas que, apesar de certa variação, é possível encontrar um conjunto de idéias central capaz de caracterizar seu projeto político-ideológico. A difusão de uma ideologia necessita de um aparato discursivo que corrobore cientificamente os interesses de um determinado grupo, e foi o que aconteceu durante o Estado Novo, dentre vários artifícios, por meio de uma intensa produção intelectual que visou dar sustentação à doutrina formulada, tendo destaque publicações como revistas, jornais, cartilhas e livros. SCHWAB p.28

Nessa seção observamos como o contexto de criação de uma rede de intelectuais em defesa do governo de Getúlio Vargas foi importante para a construção narrativa de estabelecimento da política em vigência como a saída modernizadora para o Brasil. Essa relação é fundamental para a tecitura do estudo aqui desenvolvido, pois é o que nos introduz a criação da fonte histórica selecionada e nos mostra o teor retórico que a modernidade recebeu na relação entre nação-região.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## **2. O regional: Pedro Ludovico Teixeira, o rompimento com o passado e a utopia de Goiânia**

A entrada de Getúlio Vargas na Presidência da República com o Golpe de 1930 marcou a história de Goiás e movimentou o cenário político que era estabelecido até então. Quando o novo presidente assumiu o cargo, retirou do cargo de Interventor Federal em Goiás nomes de grande peso do contexto e indicou um personagem sem grandes ligações com a política, mas que conhecia por contato em comum (RODRIGUES, 2015). Assim, o médico Pedro Ludovico Teixeira assumiu o cargo em novembro de 1930 como representante da agenda política-ideológica de Vargas em Goiás. Posteriormente, foi eleito governador durante a Assembleia Constituinte de 1935 e renomeado como interventor Federal novamente por Vargas durante o início do Estado Novo em 1937. Sua afinidade política ao governo de Vargas persistiu durante os 15 anos em vigor, se tornando o maior nome da Era Vargas no Centro-oeste.

A participação política de Teixeira em Goiás foi compreendida como a mudança que o estado precisava para romper com as construções cristalizadas sobre decadência e atrasado da região. Retratada nos relatos de viajantes naturalistas que percorreram diversos estados brasileiros e produziram literaturas de viagem sobre os ambientes visitados durante o século XIX, Goiás foi descrito como um sertão que impediria o progresso e desenvolvimento da nação. Nesse sentido, desde o início de 1900 a elite política e intelectual goiana se dedicava a discutir como confrontar essas elaborações sobre Goiás e promover um processo de modernização estadual.

Como podemos observar, os interesses dessa elite dominante goiana confluíam com o contexto de discussões no âmbito nacional. A busca pela modernização para a dissociação com o passado vivido e a construção de um futuro desenvolvido estiveram dispostas nas arenas nacional e regional, de maneira que a construção da relação do governo de Getúlio Vargas com o de Pedro Ludovico Teixeira representou a união desses interesses para o Brasil e Goiás.

A partir dessa perspectiva, temos alguns pontos para analisarmos. Primeiramente, a construção de Teixeira como um rompimento com o passado foi uma apropriação

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

argumentativa muito utilizada por seus apoiadores nos meios de circulação utilizados como a base do governo vigente. Mesmo após a saída da oligarquia política que comandava o estado de Goiás, as práticas de dominação coronelista ainda estiveram presentes na forma em que a administração regional caminhava.

Logo, Pedro Ludovico Teixeira representou a elaboração idealizada de um novo tempo em oposição ao passado, não o rompimento real com a política que já havia sido realizada. Construiu-se a imagem de um homem que mudaria a frente econômica e política do estado a partir da figura de um modernizador com boas intenções para Goiás. A entrada de Teixeira na política goiana e de sua pauta política-ideológica fundamentada na retórica modernização para Goiás deu origem ao mito de um herói para a história do estado.

Sobre essa construção mítica em torno da figura de Teixeira, temos que:

Pedro Ludovico inaugurou um “novo tempo” na história de Goiás, o tempo da modernidade, pautado por arranjos políticos (Pessedista), alicerçados na dominação tradicional. Questiona-se a possibilidade de existência de novos arranjos políticos no estado de Goiás na era contemporânea, bem como diversificadas formas de dominação que a que tudo indica não se refere somente ao Estado de Goiás, mas em todo âmbito nacional. Contextualizando essa questão da dominação tradicional na contemporaneidade, criando nexos históricos acerca da história política de Goiás, é possível perceber como o continuísmo das práticas de dominação ainda continua latente mesmo uma década depois de encerrado o século XX. Parece haver uma tradição rançosa que paira sobre a política de Goiás, em que, a cada governador eleito, inicia-se uma nova era política, um novo arranjo, um novo conceito de dominação pautada numa ideia de inovação e modernização, mas que perpetua práticas conservadoras de manter esse poder. Penso ainda que não se trata de mera coincidência. (RODRIGUES, 2015, p. 12)

Com isso, enquanto o Golpe de 1930 e a entrada de Teixeira na política goiana representavam o novo para a história do estado, o passado foi apropriado como a oposição à modernidade e ao avanço que o futuro proporcionaria. Observa-se a defesa da ideia de ruptura com a construção imagética do sertão goiano em dissonância com a nação brasileira, de maneira com que o estado fosse inserido no todo nacional e não mais simbolizasse um dos motivos para os impedimentos do avanço do Brasil.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Dessa maneira, Teixeira passava a representar a inserção de Goiás nas medidas modernizadoras para o Brasil, o direcionava enquanto parte integrante da agenda ideológica de avanço e em consonância com a política vigente com Vargas. Não obstante, quando o Presidente da República inaugurou o programa “Marcha para o Oeste” em 1937 para tentar combater as clivagens econômicas existentes nessa região em relação ao sudeste brasileiro, o Governo de Goiás esteve em conformidade com as medidas propostas e também desenvolveu suas medidas rumo a modernização.

Examinando mais sobre como a relação nacional-regional esteve ordenada nesse contexto, observa-se que:

A integração de Goiás ao Brasil se daria com a modernização, isto é, com a inserção da região em uma lógica de desenvolvimento nacional. As elites brasileiras acreditavam que a viabilização da nação brasileira se daria a partir de uma perspectiva civilizadora, partindo do modelo europeu ou norte-americano. A nação seria constituída com a modernização. Modernização é vista como a integração ao mercado e desenvolvimento econômico. Para que Goiás representasse algo em relação a essa nação era necessário superar esse “atraso”. Era preciso transformar o sertão goiano em uma terra onde houvesse progresso. Essa modernização parte, ainda, de uma antítese entre campo e cidade, em que o moderno se associa ao urbano e o atraso, ao rural, ao sertão. A modernidade em Goiás é concebida como algo construído a partir da década de 30, quando é delineado, pelos grupos dominantes pós-revolução de 30, um momento de ruptura com o “atraso”. O discurso de um Goiás moderno, vinculado à idéia de integração nacional do Estado Novo serve como referência a esses grupos. (COSTA, 2007, p. 27).

Como uma das propostas que dialogava com as deliberações de Vargas para promover uma modernização no Oeste brasileiro, Pedro Ludovico Teixeira defendeu a construção de uma cidade para ser a nova capital do estado de Goiás. Sob a argumentação de que a Cidade de Goiás, a capital até então, expressava o símbolo do atraso político e da decadência econômica, a inauguração de uma capital análoga à uma metrópole avançada e moderna seria o símbolo do novo tempo em Goiás.

A ideia de construir uma nova capital para o estado e transferir o polo administrativo e político para essa nova localidade não foi uma invenção de Teixeira pois há relatos que defendem esse plano desde o período imperial brasileiro até o início da

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

República; mas, sem dúvidas, esse feito somente deve ser atribuído a figura política em questão (CAMPOS, 2012). Assim, desde a escolha do local até o plano diretor, desenvolvido pelo urbanista Atilio Correia Lima, teve a participação de Pedro Ludovico Teixeira como o maior idealizador e executor desse projeto.

Nesse simbolismo da inauguração de um novo tempo de modernidade para o estado de Goiás, nasceu Goiânia em 1933. Getúlio Vargas apoiou a construção da nova capital, inserindo-a em seus discursos sobre a potencialidade de modernização do Oeste que integraram a Marcha. Em oposição à Cidade de Goiás, Goiânia representava “a construção da modernidade na selva” (CHAUL, 1997, p. 222), materializando um grande feito para a agenda política-ideológica de Vargas e Teixeira.

Segundo Marcelo Costa (2007, p. 30):

Goiânia simbolizaria o avesso do atraso e poderia retirar o Estado de sua decadência, e seria a representação do moderno, do progresso, um grande divisor da história, entre o Goiás arcaico e o moderno. As aspirações dos grupos políticos em ascensão, reunindo os anseios das camadas médias urbanas e dos proprietários rurais, embebidos nas promessas de desenvolvimento, encontraram na mudança da capital o símbolo do almejado progresso. Por isso, Goiânia seria o símbolo unificador dos grupos mudancistas em ascensão, servindo, ao mesmo tempo, de plataforma política a seu mentor, Pedro Ludovico Teixeira e para o Estado Novo. COSTA p. 30

Ainda sobre a criação de Goiânia como elemento de união entre as políticas de Vargas e Teixeira, nota-se que:

Na verdade, a proximidade estava para além do discurso. Goiânia foi produto de uma demanda estadual enfrentada por Pedro Ludovico: sua idealização, construção e consolidação passam pela Revolução de 1930, entram no Estado Novo e ecoam na Marcha para o Oeste. Desta forma, devemos considerar a dimensão processual na (re)produção de um território e compreender sua complexidade, sem deixar de nos preocupar com a especificidade de cada momento. (SILVA, 2013, p. 61).

Com isso, encerramos as discussões sobre o contexto compreendido entre 1930-1944 em Goiás para adentrarmos às análises da fonte histórica selecionada e investigarmos de que modo a mesma foi um campo para a retórica da modernidade ser utilizada por Vargas e Teixeira, referindo-se a nação e ao estadual respectivamente.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

### 3. A retórica da modernidade na escala nacional-regional nas páginas de *Oeste* (1942-1944)

Ao longo desse trabalho trazemos a modernidade como chave norteadora para compreender os objetos de estudos explorados. Nesse sentido, cabe-nos examinarmos um pouco mais sobre o que este conceito representava naquele contexto e de que maneira a relação entre Brasil e Goiás esteve inserida nessa constante argumentação em torno da modernidade.

A partir das contribuições historiográficas de Reinhart Koselleck (2006), compreendemos que a Europa Ocidental ressignificou a maneira de interpretar tempo entre os séculos XVIII e XIX, de modo que o passado e o futuro foram contrapostos sob a perspectiva de um presente capaz de inaugurar uma nova temporalidade histórica. Essa rivalidade entre os tempos ocorreu devido a idealização de um futuro avançado que se opusesse ao passado vivido, construindo a base ideológica da Modernidade.

Essa distinção entre passado e futuro pode ser observada em outros países, como no próprio Brasil, em que os processos políticos ocorridos durante a primeira metade do século XX trouxeram a retórica da inauguração de um novo tempo em relação ao passado. Dentro dessa perspectiva, a mobilização político-ideológica estruturou-se na presença de personagens recém-ingressos na máquina estatal, sob a alegação da oposição maciça em relação às medidas efetuadas anteriormente pelas oligarquias vigentes e ostentado princípios modernizadores e capazes de realizarem avanços econômicos para os territórios. Ao longo desse artigo, trouxemos um panorama do que o Golpe de 1930 produziu, especialmente a partir de figuras como Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira.

Como pudemos perceber, a problemática da busca pela modernidade esteve inserida tanto no âmbito nacional quanto no regional e, semelhante ao presidente em atividade, Teixeira mobilizou uma rede de intelectuais para difundirem a perspectiva da modernidade que seu governo trazia para o estado. Como produto, surgiu a revista *Oeste*,

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

principal veículo de propaganda dos feitos de Teixeira e Vargas, constituindo-se em uma produção em conformidade com o projeto político-ideológico proposto por ambos.

*Oeste* surgiu durante o Batismo Cultural de Goiânia em cinco de julho de 1942, quando Teixeira reuniu intelectuais e artistas goianos para contribuírem com textos em homenagem à cidade na forma de uma revista. Logo, a sua criação serviu a um modelo ideológico pró-Teixeira em Goiás; de forma que, a partir da liberação de recursos estaduais, os contribuintes de *Oeste* foram apadrinhados como apoiadores da política em curso.

Sob a argumentação de que representavam o pensamento moço de Goiás, circulou com tiragens entre 400 a 500 exemplares mensalmente. *Oeste* foi um campo de argumentação pró-Vargas e Teixeira até 1944, quando parou de circular com um total de 23 números já publicados. Em 1983, aniversário de 50 anos da inauguração da Pedra Fundamental de Goiânia, todos os exemplares de *Oeste* foram compilados e disponibilizados online pela Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) pois, segundo o documento anexado à revista em que explicavam o motivo da ação, a magazine representou uma parte significativa da memória goiana.

A partir dessas análises, notamos que:

Nesse sentido, a Revista *Oeste* teve o objetivo de oferecer a base poética, literária e o verniz intelectual desse processo. Nos seus vinte e três números, entre julho de 1942 a dezembro de 1944, ela se tornou o veículo do pensamento oficial da época, embora pautasse por um caráter cultural, revelando escritores e intelectuais. A Revista *Oeste* “se tornou um instrumento de poder do Estado, não só na esfera do governo estadual, mas do Estado Novo também”. Outrossim, a *Oeste* ajudou a consolidar Goiânia, bem como difundiu o processo de modernização de Goiás. Sua tiragem variava de 350 a 500 exemplares, e contou com mais de uma centena de colaboradores entre poetas, prosadores, historiadores, jornalistas, e cientistas sociais. (SOUZA, 2018, p. 240).

Vemos que a história de *Oeste* esteve inserida na própria história de Goiânia, de modo que uma das temáticas que mais apareceram na revista foi a comemoração pela mudança da capital e a criação da cidade. Nesse sentido, várias passagens do folhetim, ao

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

longo de seus dois anos de circulação, retrataram o enaltecimento da nova capital e, conseqüentemente, a política mudancista desenvolvida por Pedro Ludovico Teixeira.

Na passagem abaixo, podemos analisar melhor esse desenvolvimento com trechos da própria magazine.

Dirijo-me ao Brasil, no ensejo da passagem do maior acontecimento já registrado no meu Estado. Inaugura-se hoje a jovem Goiânia, Capital de Goiaz. Ao entregar à comunhão nacional a cidade cuja construção foi parte primacial do meu programa de governo, despido de espírito regionalista, ergo o meu olhar para a Pátria comum, antevendo o seu futuro esplendoroso. Tenho a honra de saudar, na pessoa do grande condutor, o Presidente Getúlio Vargas, o Brasil gigante e poderoso. (...) Saúdo o Brasil todo, símbolo de pujança, dignidade e elevação moral. A Ele, BRASIL, entrego um grande ideal que se tornou uma grande realidade –GOIÂNIA. (REVISTA OESTE, 1983, nº 01, p. 23).

Concomitantemente à construção intelectual de que Goiânia representaria o avanço para o estado e para a nação, a união entre Vargas e Teixeira também foi vista de forma inovadora para Goiás. Isso deve-se às problemáticas já mencionadas sobre a construção histórica do estado goiano como um “sertão atrasado” em relação aos outros territórios brasileiros, causando desvantagens para a nação. A partir desses antecedentes, a ligação entre as figuras políticas redireciona Goiás como um território inserido ao todo nacional, uma das questões mais retratadas pela elite intelectual e política como uma saída para desconstruir estas representações cristalizadas.

No trecho abaixo, podemos examinar como a relação entre o presidente e a figura regional é vista de maneira positiva:

(...) discurso êsse que OESTE tem hoje a honra de estamparem suas colunas, como homenagem a êsse homem invulgar que, a-par-de portador das magníficas qualidades de administrador que todos conhecem, é sem dúvida um dos analistas mais sinceros e perspicazes da atualidade política brasileira. Essa oração, sóbria embora, vem reiterar o que se disse alhures – que o Interventor Pedro Ludovico é um dos mais objetivos divulgadores dos princípios doutrinários do Estado Novo, em tão boa hora implantado no Brasil. Aliás, o fato de ser hoje o único chefe de governo estadual que não foi afastado de seu pôsto, desde 1930, é bem uma demonstração inequívoca da identidade de vistas que Sua Excelência tem com o Presidente Vargas, do qual é um auxiliar de pulso e empreendedor. (REVISTA OESTE, 1983, nº 02, p. 03).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O enaltecimento dessa relação também gerou um processo de mitificação das duas figuras em questão. No cenário nacional, Getúlio Vargas foi retratado como a mudança necessária para o país e precursor de um movimento modernizador inaugurado com o Golpe de 1930, compreendido pelos intelectuais pró-Vargas como Revolução de 1930. Nesse sentido, a mudança de Presidente e a nova pauta político-ideológica adotada elaborou um imaginário social de transformação brasileira, de maneira que o país estivesse mais próximo de superar suas problemáticas em relação ao subdesenvolvimento econômico e de construção de nacionalidade.

Já no âmbito regional, Pedro Ludovico Teixeira foi mitificado sob a alegoria da modernidade que trouxe para Goiás com sua agenda político-ideológica que teve como principal feito a construção de Goiânia, a nova capital em substituição à Cidade de Goiás. Em conjunto a isso, Teixeira foi a escolha de Vargas para Goiás, o que conecta a região à nação no plano de modernização nacional.

Na passagem abaixo, podemos investigar essa construção de mitificação de Pedro Ludovico Teixeira e Getúlio Vargas em *Oeste*:

Nestas plagas goianas, estaríamos faltando com as nossas convicções se não uníssemos ao nome de Getúlio Vargas, o dêsse outro brasileiro puro e idealista, que nos faz lembrar os “Varões Ilustres” de Plutarco, e que se chama PEDRO LUDOVICO, o construtor invejável de Goiânia –orgulho merecido dos filhos deste Estado. (...) Não pretendo queimar incenso em turíbulos laudatórios às gloriosas individualidades de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico. Quero tão somente apresentar as homenagens do meu profundo respeito às suas qualidades invulgares de homens públicos. Não pretendo endeusar, tão pouco, as suas individualidades de sobejo conhecidas. Não procuro as suas genealogias, para realçar os seus méritos. Tem eles a fidalguia de caráter daquele personagem de Dumas, Kent, cujos títulos nobiliárquicos irradiavam dele, pelos seus talentos, para os avoengos. Os deuses que os viram nascer foram pródigos em os beneficiar, porfiando para entregar-lhes o filtro misterioso da vitória. Brasileiros: Não é só no bronze ou no livro que se glorifica o cidadão. Se a vida não é mais do que a sucessão dos pais aos filhos e dos filhos aos netos, os nomes resplandecentes de GETÚLIO VARGAS e PEDRO LUDOVICO, viverão eternamente na sucessão desta geração que irá cantando em aleluias balsâmicas pelo mundo em fora a grandeza de seus talentos e a integridade de suas virtudes cívicas. (REVISTA OESTE, 1983, n° 23, p. 02).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Esses trechos de *Oeste* e as análises efetuadas nos encaminham para os percursos que a elite política e intelectual goiana articulou para a estruturação simbólica de um “novo tempo” a partir da retórica da modernidade como elemento constitutivo dos governos nacional e regional em vigência. Assim sendo, parte significativa dessa arguição era a elaboração de imagens heroicas para Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira, caracterizando-os como agentes públicos em busca de melhorias modernizantes para o Brasil e Goiás.

#### 4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, investigamos como o recorte temporal do final do século XIX e início do XX gerou um contexto de problemáticas em torno da construção da modernidade no Brasil. apropriando-se de argumentações que resgatavam a modernização nacional como elemento principal e norteador, Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil após o Golpe de 1930 e pôs em prática as medidas que identificava como as saídas para os contratemplos brasileiros.

A agenda político-ideológica adotada por Vargas partiu de uma renovação política nos estados, nomeando novos interventores federais. Assim entrou Pedro Ludovico Teixeira na política goiana, nomeado pelo presidente que reorganizou o cenário público de Goiás. Assim, desse o início da atividade governamental de Teixeira, sua imagem foi atrelada a Vargas, construindo em Goiás a imagem de que o estado estava em congruência com os avanços políticos e econômicos que o país estava vivendo.

A partir de 1937, Vargas assumiu uma postura mais centralizada e fomentou a construção de uma rede de intelectuais para serem porta-vozes sobre o avanço que a entrada do novo presidente e suas medidas realizaram para o país. Semelhante ao presidente em escala nacional, Pedro Ludovico Teixeira também mobilizou a elite intelectual, no âmbito regional. A revista *Oeste* é um dos veículos produzidos sob o viés de defesa desse elo nacional-regional, tendo em suas páginas diversos textos em ode a agenda político-ideológica exercida por ambos.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A partir da mobilização intelectual em *Oeste*, Teixeira se transformou em um herói para a história de Goiás. Sua ousadia no embate político pela construção de uma nova capital do estado construiu uma imagem de um homem em busca de modernização para a região. O governante foi identificado como o inaugurador de um “novo tempo” para o estado que trazia a inserção de Goiás ao todo nacional e o avanço local.

Desse modo, Vargas e Teixeira foram compreendidos a partir da ótica da busca pela modernidade na escala nacional-regional, em que *Oeste* sintetizou essa construção retórica com a mobilização de uma elite intelectual a favor das duas figuras, de maneira que “Getúlio Vargas está para o Brasil assim como Pedro Ludovico está para Goiás.” (REVISTA OESTE, 1983, nº 12, p. 23).

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Gabriel Frias; BARBOSA, Agnaldo de Souza. Cultura e identidade nacional nos anos Vargas: tensões e contradições de uma cultura oficial. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2016.

ARRAIS, Cristiano Alencar. **Mobilidade discursiva: o periodismo político em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tarcísio R (org): **Goiânia: cidade pensada**. Goiânia: Ed. UFG, 2002. p.169-184.

COSTA, Marcelo Henrique da. **Goiânia: mito ou modernidade? um olhar publicitário sobre a identidade da cidade**. Dissertação de Mestrado: UFG, Goiânia, 2007.

DAYRELL, Eliane Garcindo. **A revista Oeste – Ideologia e História**. Anais do IX Simpósio Nacional da ANPUH. Florianópolis, julho, 1977.

FUNES, Patrícia. **Salvar la Nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. A percepção da mudança: os registros na cidade de Goiás. **História**, São Paulo, v.30, n.1, p.189-208, jan/jun 2011.

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

PALTI, Elias. Emergencia y descomposición del discurso antigenealógico de la nación. In: **La nación como problema**. Buenos Aires: Fondo do Cultura Econômica, 2002.

SCHWAB, Mariana de Castro. **Os intelectuais no Estado Novo (1937 – 1945): a trajetória de Paulo de Figueiredo e as revistas Cultura Política e Oeste**. Dissertação de Mestrado – UFG, 2010.

SILVA, Genilder Gonçalves da; MELLO, Marcelo de. A Revolução de 1930 e o discurso da ruptura. **Cordis: revoluções, cultura e política na América Latina**, São Paulo, n. 11, p. 57-89, jul./dez. 2013.

SOUZA, Rildo Bento. Os Usos do Passado na Escrita de Si: A Memória da Revolução de 1930 em Goiás na Autobiografia de Pedro Ludovico Teixeira. **Revista Expedições**, Morrinhos/GO, v. 9, n. 4, set./dez. 2018.

SOUZA, Rildo Bento de. **“A História não perdoa os fracos”: o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira**. Tese de Doutorado: UFG, Goiânia, 2015.

SOUZA, Rildo Bento. Pelas páginas da revista Oeste: poder e imprensa em Goiás (1942-1944). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol.11, n.2, ago.-dez., 2018.

RODRIGUES, Fernando Rocha. História política de Goiás: o governo de Pedro Ludovico Teixeira e a dominação tradicional. **Multi-Science Journal**, 1(2), 3–12. Vol. 1 No. 2 (2015)

VARGAS, Getúlio. **As diretrizes da nova política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.